

**A + B (16 set. 1886)\***

A. – Vou dizer-lhe uma cousa incrível, mas verdadeira. Tenho uma ideia...

B. – Guarde-a, guarde-a... Uma ideia, amigo! É encafuá-la; é metê-la nos cafundós do espírito.

A. – Pois sim, mas não há inconveniente em confiá-la a um amigo discreto; não é seguramente botá-la ao meio da rua. Você sabe que as ideias dos homens são como os filhos das mulheres; lá vem a hora... A minha completou agora mesmo os seus nove minutos... Vamos, apare-a nos braços. Sabe que no Recife, não só se desconfia que houve desfalque na Tesouraria, em vez de roubo,<sup>1</sup> mas até já se suspeita que o método ali empregado foi o mesmo do “English Bank”.<sup>2</sup>

B. – Já sei: os tais maços de notas miúdas com uma nota grande por fora, fazendo tudo um conto de réis aparente, mas na realidade uns cento e tantos mil-réis.<sup>3</sup>

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XII, n. 259, p. 1, 16 set. 1886), DRR (p. 25-28) e OCA2008 (v. 4, p. 660-662). Texto-base: GN. A lista das abreviaturas empregadas encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda.

<sup>1</sup> Telegramas de Pernambuco, datados de 9 de setembro, apareceram na *Gazeta de Notícias* do dia 10 (p. 1, col. 1) sob o título “Roubo na Tesouraria”. O primeiro deles começava assim: “Encontraram-se vazios, esta manhã, os cofres da tesouraria de fazenda provincial.” Outro dizia: “Foram encontradas as chaves falsas com que foram abertos os cofres da tesouraria. / A casa forte havia sido forçada.” Já um telegrama do dia 12, publicado na *Gazeta* (p. 1, col. 1) no dia 13, dizia: “Parece bem averiguado que não houve roubo na tesouraria, e sim uma aparência de roubo, para encobrir desfalques. / Nos exames feitos de tempos em tempos, só se contavam os maços, sem verificação interna, que continham um ou mais contos de réis, supondo-se agora, que esses maços tinham notas grandes por fora e pequenas por dentro, representando quantias insignificantes.”

<sup>2</sup> “English Bank”.] English Bank. – em OCA2008. O desfalque no English Bank of Rio de Janeiro foi descoberto quando se deu o desaparecimento do sr. Inácio Marques de Gouveia, que era pagador e caixa do banco. Na ocasião, o gerente determinou que se examinassem os fundos do banco; o exame revelou o desfalque de cerca de 270.000£. A diretoria da instituição, por sua vez, levou o caso à polícia. (Cf. *Gazeta de Notícias*, p. 1, 28 fev. 1886) O método empregado no desfalque foi, de fato, o mesmo utilizado na tesouraria de Pernambuco, conforme se lê, por exemplo, no relatório apresentado pelo dr. Silva Matos (1º delegado), quando do encerramento do inquérito (*Gazeta*, 3 de agosto de 1886, p. 2, col. 1) e em depoimento de testemunha (*Gazeta*, 24 de agosto de 1886, p. 2, cols. 4 e 5). Ver também a nota 12 em “A + B (12 set. 1886)”.

<sup>3</sup> mil-réis.] mil-réis – em GN (erro tipográfico).

A. – Tal qual.

B. – Mas que ideia lhe deu isso?

A. – Veja lá se adivinha.

B. – Não posso.

A. – Imaginei que algumas das nossas cabeças públicas podem ser assim compostas de uma grande nota por fora e outras miúdas por dentro. Contos de réis de caçoada... Que lhe parece? Fiquei tão contente com esta conjectura, que até me deu vontade de dançar um minuete... Trá-lá-lá, trá-lá-lá, lá-lá... Compreende, não? Uma nota grande, vistosa, cem mil-réis, encapando uma porção de quinhentos réis muito rafados,<sup>4</sup> e embaindo a multidão. A multidão aplaude, crê nos rolos de dinheiro, adivinha outros, e dança como eu, – trá-lá, trá-lá-lá.<sup>5</sup>

B. – Bem pode ser.

A. – Vá ouvindo. Espontaneamente, ou para animar as turbas, um dos presentes grita: “Viva o conto de réis!” Mil vozes repetem: “Viva o conto de réis!” E jura-se que não há menos de um conto de réis, que há até mais. Mas lá vem um que apenas possui uns cento e vinte mil-réis, em notas pequenas e espalhadas, e fica triste, sente-se invejoso, e clama que o conto de réis, embora certo, é falso.

B. – “Embora certo”, confesso que é sublime. Não acham outro meio de desmoralizar esses contos de réis, senão dizer que são falsos, embora certos.

A. – Falso? replicam os outros; é preciso não conhecer dinheiro, para dizer que esta nota é falsa. Não há nada mais verdadeiro; tão verdadeiro como Deus que está no céu.

B. – A sua ideia, entretanto, esbarra numa dificuldade. As notas não podem ficar emaçadas; há despesas... o dono tem de abrir os maços, distribuir o dinheiro...

A. – Há despesas, mas há também crédito. Uma nota grande por fora é a alavanca do crédito intelectual. Para que serviria então a velha instituição dos fiados? Fia-se tudo, até a reputação.

B. – Não sabia desta. Depois é que aparecem os desfalques.

A. – Raro, muito raro.

B. – Como raro?

---

<sup>4</sup> rafados,] ralados, – em DRR e em OCA2008.

<sup>5</sup> trá-lá, trá-lá-lá.] tra la la, tra la la (sem atualização ortográfica). – em DRR e em OCA 2008.

A. – Quando os desfalques começam a aparecer, a multidão está ocupada com outro conto de réis, – que pode ser verdadeiro ou falso, –<sup>6</sup> mas é outro, e ninguém dá fé dos desfalques, ou todos os desculpam. Aqui entra uma boa liquidação sossegada, e adeus.

B. – Compreendo; refere-se à História.

A. – Deus de Misericórdia, não! Não vou tão longe. A História é uma bela castelã, muito cheia de si, e não me meto com ela. Mas a minha comadre Crônica, isso é que é uma boa velha patusca, tanto fala como escreve, fareja todas as cousas miúdas e graúdas, e põe tudo em pratos limpos.<sup>7</sup>

B. – Se fosse em pratos mal lavados, era capaz de saber também alguma coisa dos dois mil contos daquela companhia francesa, os tais que fomos condenados a pagar.<sup>8</sup>

A. – Não é outra cousa, esses contos são verdadeiros.

B. – Como verdadeiros? Então acha que devemos entregar assim...

A. – Homem dos diabos, não digo isso; digo que esses contos pedidos e concedidos (por ora) são dos que não comportam desfalques. Se houvermos de pagar (*quod Deus avertat*<sup>9</sup>), há de ser em maços certos –<sup>10</sup> certos e contados.

B. – Mas convenha que é horrível; pagar certo e receber errado.

A. – Antes errado que nada. Antes alguma cousa pouca nos cofres e nas cabeças, que uma simples hipótese –<sup>11</sup> uma ou duas. Mas já é tarde; adeus.

B. – Não; leia primeiro este trecho de um discurso do meu amigo Cândido de Oliveira,<sup>12</sup> proferido ontem na câmara dos deputados.<sup>13</sup> Queixa-se de quererem pôr a

---

<sup>6</sup> – que pode ser verdadeiro ou falso, –] que pode ser verdadeiro ou falso, (sem os travessões) – em OCA2008.

<sup>7</sup> A crônica é gênero híbrido, que dialoga com a história, o jornalismo e a literatura. Machado de Assis cronista discorre, frequentes vezes, sobre a natureza desse gênero, em que a reflexão séria e profunda alterna-se e funde-se à linguagem amena da divagação literária. Na última crônica que publicou em vida, com o título de “Crônica”, na *Gazeta de Notícias*, em 1900, incluída pelo compilador das edições Jackson no conjunto de “A Semana”, escreveu ele (caracterizando a esfera de atuação do cronista): “Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto.” (*Gazeta de Notícias*, p. 1, 11 nov. 1900)

<sup>8</sup> A Fazenda nacional tinha sido condenada pelo Tribunal da Relação (segunda instância) a pagar 2.000 contos de réis à *Société Nouvelle de Forges et Chantiers de la Méditerranée*, por perdas e danos do contrato feito pelo governo com aquela companhia, para a construção de um encouraçado. (Cf. *Gazeta de Notícias*, p. 1, 14 set. 1886)

<sup>9</sup> A expressão latina *quod Deus avertat*, em tradução literal, significa “que Deus afaste”, e em tradução interpretativa, “que Deus nos livre”.

<sup>10</sup> certos –] certos, (com vírgula, sem o travessão) – em OCA2008.

<sup>11</sup> hipótese –] hipótese, (com vírgula, sem o travessão) – em OCA2008.

câmara abaixo do senado.<sup>14</sup> Mas como é que ele ainda não percebeu que o senado tem mais força que a câmara, e deve tê-la?<sup>15</sup>

A. – Lá isso não. Tanto percebeu, que deseja entrar para lá, e com razão, porque o merece.<sup>16</sup> Na Inglaterra, o Sr. Gladstone<sup>17</sup> não deseja nem por sombras que a rainha<sup>18</sup> o meta na câmara dos lords;<sup>19</sup> justamente porque a dos comuns é mais forte. Toda a retórica do mundo não responde a esta comparação sociológica. Agora, mosque-se; até depois.

JOÃO DAS REGRAS

### **Lista das abreviaturas empregadas nesta edição**

DRR – *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*.

GN – *Gazeta de Notícias*.

OCA2008 – *Obra completa, em quatro volumes*, Nova Aguilar, 2008.

---

<sup>12</sup> Cândido Luís Maria de Oliveira (1845-1919), nos debates ocorridos na câmara dos deputados nos dias anteriores, apontou o desprestígio daquela casa. O governo havia proposto aumento de impostos, que a câmara aprovou; depois, o senado aprovou um aumento de despesas, que foi aceito pelo governo (não foi pedida a fusão, isto é, a votação pela assembleia geral, que compreendia as duas casas do parlamento, em que o governo ganharia, pela maioria que tinha na câmara). Isso foi entendido pelo deputado Cândido de Oliveira como contradição, que resultava em desprestígio para a câmara. (Cf. “Câmara dos deputados”, *Jornal do Commercio*, do dia 14, p. 1-2, e do dia 15, p. 3, de setembro de 1886)

<sup>13</sup> câmara dos deputados] Câmara dos Deputados – em OCA2008.

<sup>14</sup> senado.] Senado. – em OCA2008.

<sup>15</sup> O poder legislativo do Império um órgão bicameral com uma câmara dos deputados e um senado. A câmara dos deputados era eletiva e temporária, composta por representantes eleitos pelos cidadãos das províncias do Império. O senado era vitalício, mas igualmente eletivo. Cada província tinha direito a eleger tantos senadores quantos fossem metade de seus respectivos deputados, e a província com somente um deputado elegeria um senador. As eleições para o senado eram feitas por listas tríplices; o imperador escolhia, entre os eleitos, o que seria senador. Uma vez escolhidos, os senadores tornavam-se independentes do povo e da coroa; a vitaliciedade de seus mandatos lhes conferia maior prestígio. (Cf. HORBACH, 2006, p. 7-22)

<sup>16</sup> Cândido Luís Maria de Oliveira seria senador por Minas Gerais de 1887 a 1889. (Cf. <<https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/1534>>.)

<sup>17</sup> Sr. Gladstone] sr. Gladstone – em OCA2008. William Ewart Gladstone (1809-1898): importante político inglês, líder do Partido Liberal, que já havia sido primeiro ministro por três vezes – a terceira neste ano de 1886.

<sup>18</sup> Reinava na Inglaterra, naquela época, a rainha Vitória (1819-1901), cujo reinado se estendeu de 1837 a 1901.

<sup>19</sup> câmara dos lords;] câmara dos lordes; – em DRR; Câmara dos lordes; – em OCA2008.

## Referências<sup>20</sup>

A ABOLIÇÃO no parlamento: 65 anos de luta (1823-1888). Apresentação do presidente José Sarney. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 2012. v. 2. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZLKPRb>>.

A BÍBLIA sagrada: o Velho e o Novo Testamento. Traduzida em Português segundo a Vulgata Latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Lisboa: Tipografia Universal, 1867.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 255, p. 1, 12 set. 1886. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZYMQYY>>.

ASSIS, Machado de. A + B. Rio de Janeiro, *Gazeta de Notícias*, ano XII, n. 259, p. 1, 16 set. 1886. Disponível em: <<https://bit.ly/2WhuO3m>>.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 264, p. 1, 22 set. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/EQq2h>>.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 271, p. 1, 28 set. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/CEIIE>>.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 277, p. 1, 4 out. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/CEIIE>>.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 287, p. 1, 14 out. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/PszNX>>.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 297, p. 3, 24 out. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/dUmIk>>.

ASSIS, Machado de. *Obra completa, em quatro volumes*. LEITE, Aloizio; CECILIO, Ana Lima; JAHN, Heloisa (Org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

ASSIS, Machado de. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*. Organização, prefácio e notas de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

BRANDÃO, José Maurício. Ópera no Brasil: um panorama histórico. *Revista Música Hodie*, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 31-47, 2012. Disponível em: <<https://url.gratis/besQw>>.

CASTAGNA, Paulo. A Imperial Academia de Música e Ópera Nacional (HMB – Apostila 10). In: *Apostilas do curso de História da Música Brasileira*. [São Paulo]: Instituto de Artes da UNESP, 2003. 15 v. Disponível em: <<https://bit.ly/2Cjx3wp>>.

CHALHOUB, Sidney. A arte de alinhar histórias. A série A + B de Machado de Assis. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo

---

<sup>20</sup> As referências, apresentadas ao final de cada crônica, contêm as obras consultadas na preparação da edição de todas elas.

Affonso de Miranda. (Org.) *História em cousas miúdas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 67-85.

DIÁRIO da câmara dos senadores do Império do Brasil. Disponível em: <<https://url.gratis/8WkwR>>.

FLORIAN, Jean-Pierre Claris de. Le singe qui montre la lanterne magique. In: *Fables de Florian*. Limoges: E. Ardant, 1874.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

HORBACH, Carlos Bastide. O parlamentarismo no Império do Brasil: origens e funcionamento. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, v. 43, n. 172, p. 7-22, out.-dez. 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2OtPIHX>>.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IZZO, Francesco. *Laughter between two revolutions: opera buffa in Italy, 1831-1848*. Rochester, NY: University of Rochester Press, 2013. p. 22. Disponível em: <<https://url.gratis/usejb>>.

JUCÁ FILHO, Cândido. *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1968.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Machado de Assis desconhecido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

MALHERBE, François de. *Poésies de Malherbe*. Paris: Louvre, 1797.

MOLIÈRE. *Le médecin malgré lui*. (Université Paris 4 – Sorbonne) Disponível em: <<https://bit.ly/3ezYsY1>>.

MOURA, Monize Oliveira. As turnês de Sarah Bernhardt no Brasil (1886, 1893, 1905): contribuições para o estudo da presença teatral estrangeira no Brasil no final do século XIX. *Revista Sala Preta*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 84-99, 2017. Disponível em: <<https://url.gratis/7zy2Q>>.

MOURA FILHO, Heitor Pinto de. Belo Horizonte, *Cadernos de História*, v. 11, n. 15, p. 9-34, 2º sem. 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/3ibpmZa>>.

NABUCO, Joaquim. Sarah Bernhardt. *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 1, 27 maio 1886.

REGIMENTO interno da Câmara dos Deputados acompanhado do Regimento comum, Constituição política do Império, Ato adicional, Lei de interpretação, Lei da responsabilidade dos ministros e dos conselheiros de Estado. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/227291>>.

RUFUS, Quintus Curtius. *De rebus gestis Alexandri Magni (Life and exploits of Alexander the Great)*. New York: Appleton Company, 1854. Disponível em: <<https://url.gratis/QAuTk>>.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 12. ed. Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.

SHAKESPEARE, William. *Otelo*. 3. ed. rev. Trad. Onestaldo de Pennafort. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

SOUSA, Eveline Almeida de. Henrique Beaurepaire Rohan e o espaço rural brasileiro no oitocentos. In: I SEMINÁRIO internacional Brasil no século XIX. Disponível em: <[https://www.seo.org.br/images/Anais/Arthur2/Eveline Almeida de Sousa.pdf](https://www.seo.org.br/images/Anais/Arthur2/Eveline%20Almeida%20de%20Sousa.pdf)>.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Academia Brasileira de Letras / Global, 2009.  
Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://bit.ly/30oyZvB>>.